

4468

# União no enterro do cacique

Tribos de diversos estados do Nordeste prestaram as últimas homenagens a Chicão, assassinado quarta-feira

Fotos Teresa Mala

Fábio Araújo  
 Enviado especial

**P**ESQUEIRA - Uma multidão estimada em três mil pessoas acompanhou, ontem pela manhã, o enterro do cacique da tribo Xukuru, Francisco de Assis Pereira de Araújo, o Chicão, assassinado a tiros na última quarta-feira. Logo nas primeiras horas da manhã, já era grande o movimento de carros, caminhões e ônibus nas vias de acesso à tribo, transportando índios de diversas etnias, além de simpatizantes da causa e interessados em participar daquele momento solene. O corpo de Chicão, que morreu aos 48 anos, foi enterrado na aldeia Pedra d'Água, num local sagrado situado dentro da mata.

O velório do cacique havia acontecido durante a quinta-feira, num clima de grande revolta e tristeza. Algumas horas antes do enterro, o caixão foi colocado em frente à Escola Procurador Geraldo Rolim Mota Filho, dentro da tribo, para possibilitar a última homenagem ao líder índio. A essa altura, já era grande o número de pessoas que se espremiavam para vê-lo pela última vez. A viúva Zenilda Maria de Araújo e os sete filhos, reunidos em torno de Chicão, eram o próprio retrato do desespero. Ainda muito abalados pela perda, mal conseguiam falar.

As 8h, o primeiro momento de emoção do dia. Caciques e pajés de diversas tribos indígenas, vestidos em trajes típicos, fizeram uma pajelança em honra a Chicão. As etnias Pankararu, Truká, Fulni-ô e Kapinawá, de Pernambuco, Potyguara, da Paraíba, Xokó (Sergipe) e Xukuru-Kariri e Karapotó (Alagoas) enviaram representantes. Meia hora depois, começou a lenta caminhada em direção à floresta, quando ficou evidente o grande número de pessoas que havia se deslocado até a aldeia. Os cânticos religiosos e o triste som da flauta indígena se destacavam em meio ao respeitoso silêncio. Espalhados pelas vias de acesso, trinta policiais militares montavam guarda para evitar novos transtornos.

## DESCIDA

Não havia espaço para todos que tentavam acompanhar de perto os últimos momentos junto do líder. Quando o caixão chegou ao local escolhido - foi o próprio Cacique quem pediu para *descansar junto da natureza* - muita gente já estava em cima das árvores, para ter uma visão privilegiada da cerimônia. Ninguém conseguiu segurar o riso quando um galho quebrou e um índio veio abaixo, sem se ferir. Mas esse foi talvez o único momento de descontração. Enquanto o caixão descia à cova escavada na mata, a viúva Zenilda balbuciava, com a voz embargada pela emoção: "Acode teu filho, Mãe Natureza. Faz justiça pelo sangue derramado".

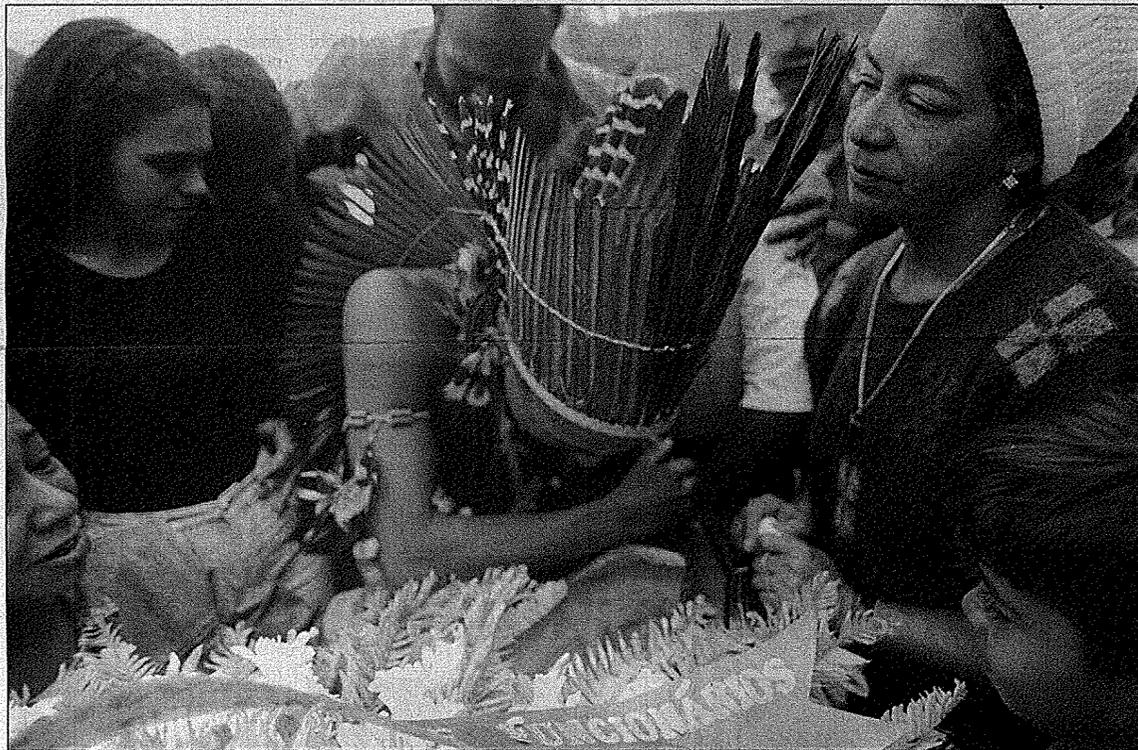
O índio Antônio Pereira de Araújo, primo do cacique e vereador de Pesqueira, passou a comandar os procedimentos. "Nada de revolta. Não queremos vingança, e sim justiça. Enquanto houver um único índio aqui na Serra dos Ororubás, o ideal de Chicão será lembrado", exaltou. Em seguida, o enterro foi usado como palanque por políticos, que fizeram discursos lembrando a memória do líder e pedindo para que a tribo não desistisse de lutar por seus direitos. Militantes do MST tentaram colocar uma bandeira do Movimento junto com o caixão, mas foram impedidos pela família.

## POSTO

Depois da tragédia, pelo menos uma boa notícia para os xucurus. O presidente da ONG Mirim-Brasil, Anacleto Julião, anunciou que uma organização sueca havia liberado recursos para a construção de um posto de saúde na aldeia, uma antiga reivindicação do povo. Previstos para iniciar já no próximo mês, os trabalhos devem ser concluídos até o final de 1998. A ONG também foi responsável pela construção da escola Procurador Geraldo Rolim Mota Filho, em 1995.



Uma multidão acompanhou o enterro do cacique Francisco de Assis Pereira de Araújo, o Chicão, que aconteceu na aldeia Pedra d'Água, localizada no meio da mata, em Pesqueira



Emoção marcou a despedida da viúva Zenilda (D), que pediu à mãe natureza justiça pelo sangue derramado, durante o enterro ontem de manhã

## Viúva depõe na próxima semana

**A** viúva do cacique Chicão, Zenilda Maria de Araújo, e a irmã dele, Maria das Montanhas, serão trazidas ao Recife, na próxima semana, para depor no inquérito aberto pela Polícia Federal. Junto com elas virão o índio conhecido como Totonho, que estava ao lado de Chicão no momento do assassinato, e três outras testemunhas do crime, com sua identidade mantida em sigilo. A partir das descrições do assassino, a Polícia espera poder elaborar seu retrato falado.

As investigações estão a cargo do delegado da Ordem Política e Social da PF, Carlos Fazzio, que retornou hoje à capital. "Não há mais nada para ele fazer em Pesqueira. Já foram realizados os exames no local do crime e colhidos os depoimentos", disse o assessor de Comunicação Social da Polícia Federal, Joaquim Neto. De acordo com ele, os familiares do cacique têm condições de dar importante contribuição, já que podem saber sobre as ameaças que Chicão sofria.

O exame de corpo delicto, realizado por legistas da Secretaria de Segurança Pública (SSP), já foi solicitado para fazer parte do processo. Por enquanto, o trabalho está sendo feito ao mesmo tempo, pelas polícias Civil e Federal. Em princípio, o assassinato de índios é competência da União, mas como o crime aconteceu fora da reserva, o estado pode assumir. Os federais deverão ficar responsáveis pelo caso se houver indícios de motivação política do assassinato, ou seja, ele estiver ligado à luta dos Xukuru pelas terras.



Vestidos em trajes típicos, caciques de diversas tribos do Nordeste fizeram um ritual em homenagem a Chicão